

PAM DA M PUM

SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL

O SÉCULO

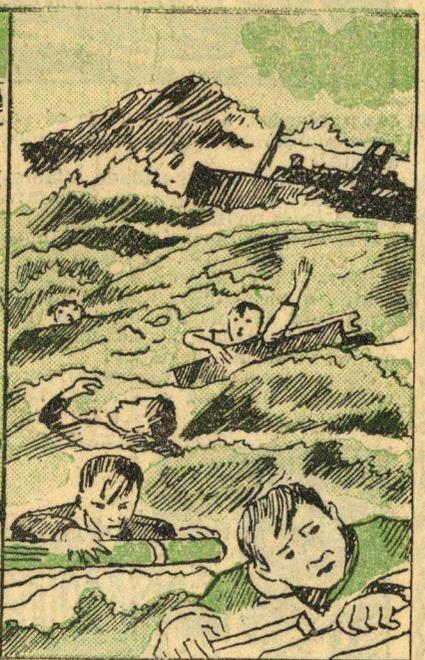
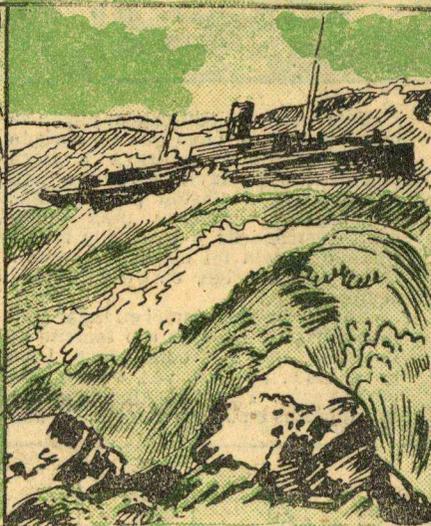
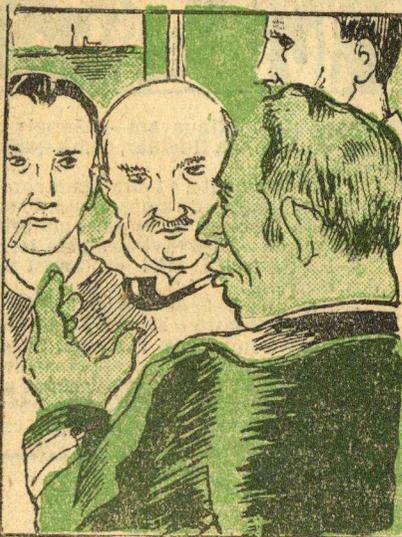
Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 14 DE MARÇO DE 1940

N.º 737

* SINGULAR AVENTURA *



O velho almirante Puddebek reunira alguns amigos, nessa tarde, na pequena casa que mandara construir em Kéritz, na extremidade da ponte de Penmarch, e da qual fez o seu refúgio. Após o jantar, o oceano começou a rugir. Grandes ondas de espuma rolavam com um grande encrespamento gigantesco, desde o extremo do horizonte até junto dos rochedos.

É a tempestade, segura e certa, (disse o nosso hospedeiro, atraindo uma grande bafurada do seu cachimbo). Devem abrigar os barcos que estão mais próximos da costa! Correm grande risco de ser levados pelas ondas contra o recife e de se quebrarem como vidro.

— O almirante assistiu já a algum espectáculo semelhante? Perguntou um de nós.

— Melhor do que isso! Eu próprio naufraguei outrora, em iguais condições. É por isso que sei com que rapidez um navio pode ser quebrado, despedaçado, destruído.

— A aventura a que se refere, foi também aqui?

— Não; em margens bem mais inhospitáveis ainda, e onde alguns naufragos, dos que não se afogaram, ficaram expostos a ser comidos pelos indígenas.

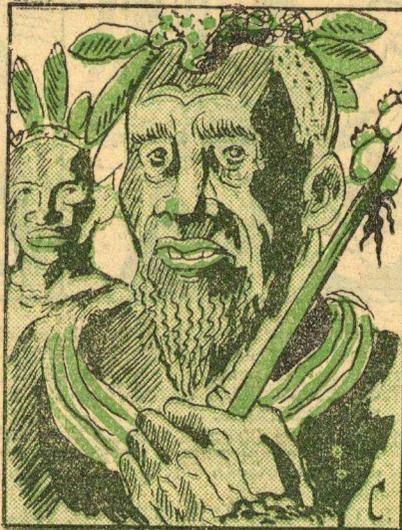
— Conte-nos então isso.

O almirante, que gostava de contar aventuras, não se fez rogado:

— Há já cinquenta anos que isto se passou... (diz-nos ele). Tendo saído da

escola naval, embarquei como aspirante, no «Andorinha», um aviso do Estado, estacionário em Nova-Caledónia.

«Inesperadamente, o nosso coman-



dante recebeu ordem de se dirigir para Saigão, na Cochinchina, onde acabava de se dar uma insurreição. Partimos

a todo o vapor, sem ter tempo para fazer algumas reparações no nosso pequeno navio, de que, contudo, bem necessitado estava.

«Para se chegar mais depressa, decidi-se passar pelo estreito de Torres, entre a nova Guiné e a ponte de Somerset, extremidade setentrional da Austrália.

«Esta passagem é extremamente perigosa, tôda semeada de recifes.

— Os recifes da grande barreira! — disse um dos auditores, que também era um velho lobo do mar.

O narrador continuou:

— Navegávamos em pleno mar de Coral, quando fomos assaltados por um violento tufão. Todos vocês sabem quanto são perigosas as tempestades equinóxicas. O nosso barco em mau estado como já lhes disse, depressa foi desmantelado. A máquina recusou-se a trabalhar. Quisemos fazer-nos de vela; porém, os nossos mastros foram arrancados pelo furacão. As correntes e o vento arrastavam-nos irresistivelmente para o lado da Nova-Guiné.

«A' noite, deparou-se-nos pela prôa um banco de recifes, a menos duma milha.

«Dominado o tumulto dos elementos



desencadeados, a voz do vigia advertiu-nos do perigo, berrando: «Rochedos à vista!»

— «A-pesar da obscuridade, viamos a branca escuma que se quebrava contra esses recifes.

«Passados alguns instantes, sentimos um choque terrível. O nosso navio acabava de encontrar um rochedo oculto, que se enterrou na quilha, fazendo um enorme rombo, pelo qual começou entrando água imediatamente. Estávamos perdidos!

«Os escaleres estavam prontos, aprofundados de água e viveres. Lançamo-los ao mar.

«Uma parte da equipagem atirou-se para o primeiro. Logo que foi cortado o cordame, que segurava a fraca embarcação ao navio, veio uma vaga enorme que a afastou para o largo. Em seguida, apareceu uma outra, muito estrondosa e mais alta ainda. Quando aquela foi desfeita, o escaler tinha desaparecido, engolido para sempre.

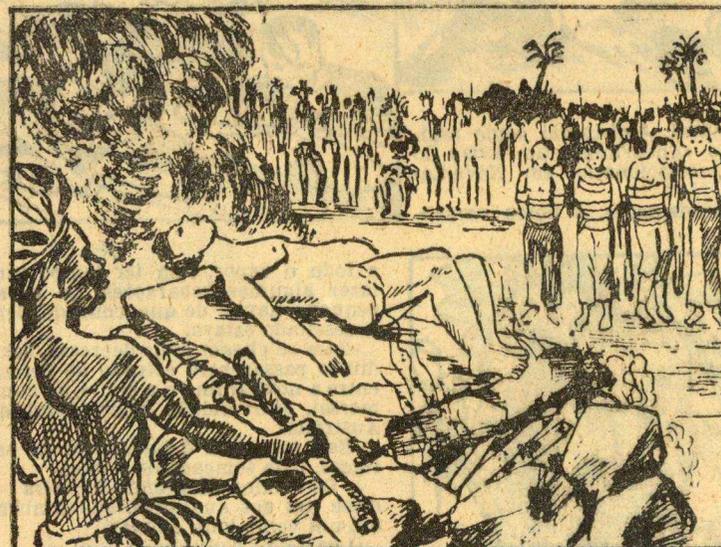
«No outro escaler tomei eu lugar com uma dúzia de homens e o tenente de Boideron, que nos comandava. Uma nova vaga, por sua vez, voltou esta embarcação. Ficámos cinco, quatro marinheiros e eu, agarrados a uns des-

troços, que continuavam — não sei porque milagre — a fluctuar, com a quilha para o ar.

«Nesse momento, a tempestade começou a amainar. Estávamos, então, do outro lado da barra perigosa. Uma brisa mais suave empurrava-nos para terra.

— Estavam salvos?! exclamou um dos convivas.

— Salvos?! Sem dúvida! Vai ver como! Prosseguiu o almirante. O vento empurrava-nos cada vez mais para a praia. De repente, vimos aparecer uma quantidade de canoas, governadas por prêtos, que avançavam para nós à força de rem. Estes homens, com



aspecto feroz e cruel, estavam armados de mocas, lanças, arcos e flechas.

«Algumas dessas embarcações aproximavam-se do nosso destroço flutuante. Os indígenas que se aproximavam, apossaram-se de nós cinco, os únicos sobreviventes do naufrágio e deitaram-nos no fundo dum dos seus barcos. Bem tentámos lutar! Toda a resistência seria impossível, em face de um tão grande número de inimigos.

«As outras embarcações eram dirigidas para o nosso navio; e antes que ele sossobrasse completamente, foi pilhado com a maior presteza.

De lá voltaram à praia. Depois de

termos passado pelos transe horríveis do naufrágio em que tínhamos visto a morte tão perto, nós não estávamos, os meus quatro companheiros e eu, mais tranquilos.

«Iriamos nós ser a presa dos canibais ou simplesmente prisioneiros duma população selvagem, mas todavia generosa?!

«Por um momento, acreditámos nesta última hipótese. Uma vez em terra, ofereceram-nos frutos; porém, quando chegou a noite, atiraram-nos para um buraco, depois de nos terem ligado os pés e as mãos com cordas feitas de casca de árvore, que se enterravam na nossa

carne, mas sem que eles prestassem a mínima atenção às nossas lamentações.

«No dia seguinte, de manhã, fizeram-nos sair do buraco e puzeram-nos num recanto cercado de estacas, feitas com árvores inteiras. E ali, expostos a um sol ardente, cabeça descoberta, o corpo mal protegido pelos nossos fatos esfarrapados, sofremos o exame duma multidão de vadios, que nunca viram homens brancos. Examinavam-nos curiosamente como nós o faríamos relativamente a animais duma «ménagerie.»

«Todavia, se na véspera nos deram

O menino dorminhoco

ERA uma vez um menino que não gostava nada de se levantar cedo e de ir para o colégio.

A Mãe dele acordava-o e dizia-lhe:

— «Anda, Luizinho, levanta-te que já são horas.» Ele respondia-lhe:

— «Vou já, minha Mãe.» E deixava-se ficar. Dai a pouco a Mãe tornava a chamá-lo e ele respondia:

— «Já estou a calçar-me.» E continuava debaixo dos cobertores, até que a Mãe chegava ao quarto e o puxava para fóra da cama.

Com tôdas estas demoras, chegava sempre atrasado ao colégio.

Ora, uma noite, depois de estar deitado, disse alto:

— «Muito gosto de estar na cama; o que eu queria era nunca me levantar!» Assim que acabou de dizer isto, viu ao pé dele uma fada com ar de bastante aborrecida. Era a

Fada dos Meninos Rabugentos — a qual, tocando na sua cama, com a varinha do condão, falou assim:

— «O teu desejo será satisfeito. Amanhã não te levantarás!» E, com maus modos, virou-lhe as costas e foi-se através da janela. Coitada; devemos desculpá-la de andar sempre zangada. Quantos meninos rabugentos há por aí e é ela quem tem sempre que castigar os seus disparates.

Na manhã seguinte, o menino, ao contrário dos outros dias, quis logo levantar-se para ir contar à Mãe o que se tinha passado com a fada, mas, por mais esforços que fizesse, não conseguia sair da cama.

Parecia que o colchão e os cobertores se prendiam. Então, começou a gritar que não sabia o que lhe tinha acontecido. Entretanto, a Mãe dele não fez caso, pois não era a primeira vez que ele fingia estar doente para não ter de ir para o colégio.

Dai a um bocado, a Mãe do Luizinho foi ao quarto e viu-o tão vermelho — de ter estado a gritar — que o deixou ficar na cama, pensando que ele estivesse constipado.

Ora o Luizinho quasi gostava de estar doente só para não se levantar. Contudo, desta vez, passou um dia muito aborrecido.

Não podia ir buscar livros ou brinquedos. A Mãe não lho dava para evitar que ele se desatasse. O que havia de fazer para se entreter? Olhou para o tecto e contou as flores de gesso que o enfeitavam; depois contou as flores do tapete; observou os desenhos da colcha; olhou, atentamente, para as paredes, à procura de môscas que o pudessem distrair. Contou também os bonecos de borracha que enfeitavam o seu toucador mas não lhes achou graça, já os tinha há muito tempo.

Contou os dedos e bocejou, não sabendo que mais havia de fazer para se distrair. Começou então a pensar no colégio e no que estariam os outros meninos a fazer àquela hora. Naturalmente fazendo a cópia... Estavam, certamente, mais entretidos do que ele, e, embora as contas fôsem uma grande maçada, sempre era fazer alguma coisa melhor que passar o tempo a olhar para o tecto. E afinal a professora não era má pessoa; tinha bastante paciência para os aturar a todos.

Quando chegou a noite, o Luizinho estava tão aborrecido da cama, que disse:



— «Se amanhã me pudesse levantar, que bom que era! Dava logo um pulo da cama para fóra, assim que acordasse e havia de ser o primeiro a chegar ao colégio.»

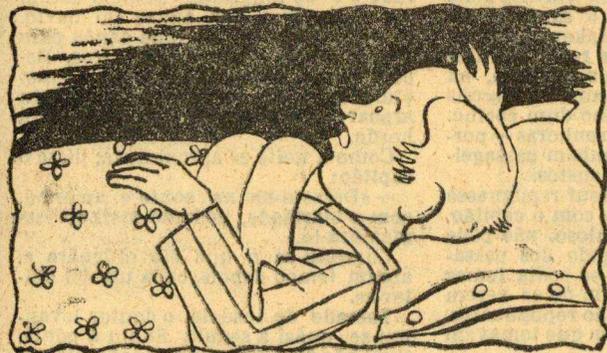
Logo que acabou de dizer isto, viu ao seu lado uma fada muito bonita — a Fada dos Meninos Arrependidos — que, sorridente, lhe afirmou:

— «Então queres-te levantar amanhã cedo para ir ao colégio? Muito bem, muito bem. Assim será!» Tocou na cama com a varinha de condão e desapareceu.

Na manhã seguinte, quando a Mãe do Luizinho se levantou, teve a agradável surpresa de o encontrar já lavado, vestido e pronto, esperando o almoço.

Nunca mais foi preciso ralhar-lhe para que se levantasse e nunca mais recebeu a visita da Fada dos Meninos Rabugentos, que tão bem soubera castigar a sua preguiça.

MARIA FREDERICA



de comer, nessa ocasião parecia que nem em tal pensavam. Desde então, a fome e a sede começaram a torturar-nos cruelmente.

«Estariamos nós, pois, condenados a morrer de fome, e êsses selvagens iriam recrear-se com o espectáculo da nossa longa agonia? Começamos a persuadir-nos disso, quando, no dia seguinte, um grande barulho de instrumentos discordantes chegou aos nossos ouvidos; e, logo depois, appareceu um velho alto, escoltado por uma guarda imponente, de homens armados até aos dentes.

«A sua passagem, a multidão ajoelhava-se e prostrava-se. Era evidentemente o soberano do sitio. O seu rosto exprimia a mais implacável ferocidade. Aproximou-se de nós, apalpou-nos cuidadosamente e, após êste exame, pronunciou algumas breves palavras, num tom de comando.

Subitamente, ouvi um barulho estranho na direcção da praia.

«E' que, não tendo apparecido «A Andorinha» em Saigão, onde o esperavam, o almirantado inquietou-se. Enviaram um cruzador à sua procura. Aquele recolheu destroços no mar de Corali. Suspeitaram então que tivesse encalhado na costa da Nova-Guiné e resolveram enviar uma expedição a essa ilha, para indagar se alguns naufragos aí estariam retidos prisioneiros.

«Era justamente essa expedição que acabava de desembarcar.

«Fomos rapidamente descobertos e logo desligados.

«Os meus libertadores levaram-nos para bordo.

«Para me vingarem, e às outras vítimas, dispararam alguns tiros de ca-

nhão, que incendiaram um certo número de aldeias.

«Foi assim, meus amigos—disse o almirante, terminando—que nos conseguimos salvar.

Adaptação de M. F.

O PATO MANDARIM

(Continuado da pag. 6)

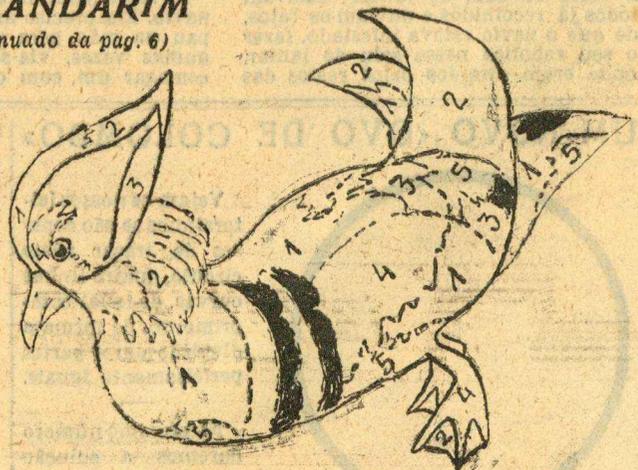
É, sem dúvida, uma ave bem pitoresca, esta variedade de pato.

O pato é da família dos palmípedes e é bem nosso conhecido.

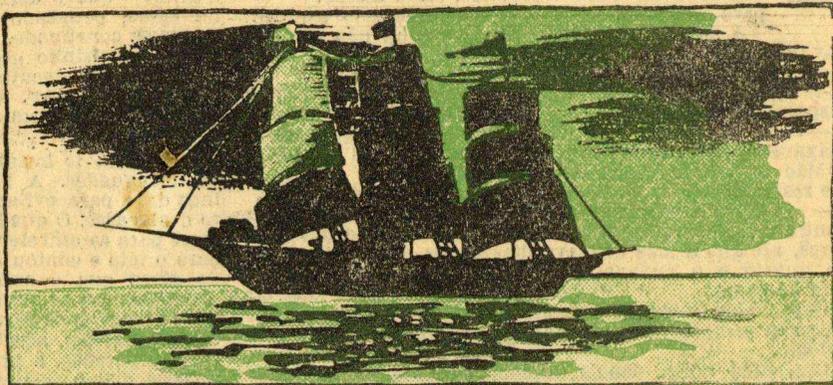
Preparam a caixa dos lápis de côr... Um... Dois... Três!

O n.º 1 corresponde à côr castanha, o n.º 2 à encarnada, o n.º 3 à verde, o n.º 4 à amarela, o n.º 5 à azul.

O bico do curioso pato, é côr de rosa e a extremidade é amarela.



OS RATOS de ARKANGEL



O doutor Leneuf estava em missão na Rússia, quando reben-tou a revolução bolchevista, na primavera do ano de 1917. Em presença dos acontecimen-tos sangrentos que se desen-rolavam, decidiu-se, como outros compatriotas, a voltar à França, o mais depressa possível. Juntaram-se aos ingleses, que, tão apressados como eles, estavam esperançados em encontrar, em Arcangel, um pequeno barco, cujo capitão quisesse levá-los, ainda que por uma enorme quantia, bem entendido.

Este capitão era uma espécie de selvagem, pouco sociável e, ainda por cima, bêbado. O imediato e a maior parte dos marinheiros, pareciam-se com ele, pelo que os passageiros conviviam com eles o menos possível. O começo da travessia não fôra, porém, muito desagradável, ainda que o seu sono fôsse constantemente perturbado pelos ruídos de raspadas no paquete. Não estiveram, porém, muito tempo sem conhecer a causa.

Nesse velho navio, os beliches eram à volta da sala de jantar; estavam todos já recolhidos e ouviam os ratos, de que o navio estava infestado, fazer o seu reboiço nessa sala de jantar, onde eram atraídos pelos restos das

refeições que tinham escapado às vas-souradas sumárias do criado. E este não se cansava muito.

Um navio sem ratos, sabe-se bem que não existe, mas uns têm-nos mais que outros. Em todo o caso, nunca tantos como tinha o «Makarof» e raramente tão grandes. De resto, os ratos dos países setentrionais atingem, na realidade, dimensões inauditas. Alguns chegam a ter o tamanho dum coelho. Assim, à sua vista, as senhoras — porque o barco levava também passagel-ras — sentiam grandes sustos.

Ainda que ao dr. Leneuf repugnasse entabular conversação com o capitão, essa espécie de urso guloso, não pôde subtrair-se a ser delegado dos passa-geiros, para lhe pedir se podia tomar certas precauções, a fim de se verem livres desses hóspedes tão repugnantes, pelo menos no lugar em que tomavam as suas refeições.

— «Nada posso fazer — respondeu-lhe ele, bruscamente. — A minha equipa-gem é muito pouco numerosa para se ocupar na caça aos ratos.»

— «É para lastimar, comandante, — disse-lhe o doutor — e desejo que a presença desses animais não nos oca-sione irreparáveis desgraças, de que só o senhor será o responsável.»

Ele voltou-lhe as costas, encolhendo os ombros.

Os ratos ficaram, então, senhores do navio. Era preciso andar munido dum pau na mão, para poder avançar. Al-gumas vezes, via-se um marinheiro esmagar um, com o salto da bota, e

era tudo o que se fazia para livrar o passageiros desses bichos.

Ora, um dia, estava o barco ao largo das costas de Noruega, a 65° de lati-tude e 5° de longitude, quando deram por uma foca nas águas do navio. O capitão fez descer uma canôa para o mar, com quatro marinheiros. De-pois duma perseguição bastante mo-vimentada, um dos homens conseguiu arpoar o animal e transportá-lo para bordo.

Como a noite se aproximava, disse o capitão:

— «Deixem-na na ponte e, amanhã, com a claridade, poderão melhor des-membrá-la.»

Cumpriu-se o que ele ordenara e, algum tempo depois, cada um foi del-tar-se.

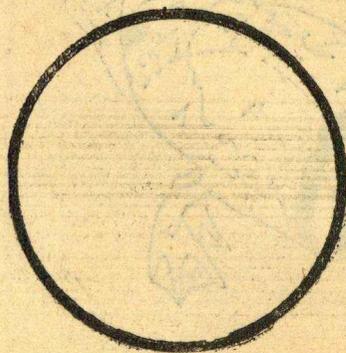
Tomado de insónia, o doutor levantou-se, quasi a seguir. Subiu à ponte. Qual não foi a sua estupefacção quando viu a foca, que tinha a aparência de não se poder mexer, deslizar sobre o sobrado. Contudo, quando a haviam trazido, tinha constatado pessoalmente que o animal estava bem morto. E eis que avançava para ele. Como poderia isso ser?

Os seus olhos, habituados à obscuri-dade, depois dum exame mais pro-longado, viram que eram os ratos que a arrastavam.

Efectivamente, milhares de ratos, que estavam sob o corpo do anfíbio, arrastavam-no. Chegaram a fazê-lo

(Continua na página 6)

UM NOVO «OVO DE COLOMBO»



Vejam os nossos le-torzinhos se são capa-zes de traçar neste círculo, quatro linhas curvas, de igual com-primento, de forma a dividi-lo em 4 partes perfeitamente iguais.

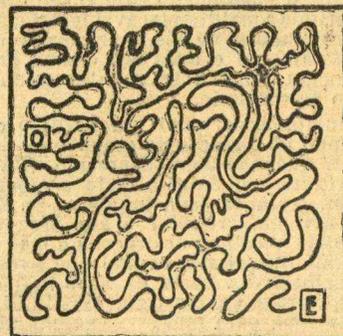
No próximo número daremos a solução deste problema geo-métrico.

Solução do problema

UMA LETRA A MAIS

PAVOR
MARIA
RAPAZ
ROUPA
LEGAR
OLIAR
RODAR
COUSA
BROMAS
APROAR
MELHOR
BRAZIL

MARCHA NA FLORESTA



Solução do labirinto

O MEXILHÃO E A LAPA

NA rocha, à beira do mar, viviam, em comunhão, muito juntinhos, a lapa e o mexilhão.

Era êste um visionário que sonhava em aventuras. O seu destino ordinário só lhe causava amarguras.

A lapa, cheia de tacto, bemdizia o seu viver assim tranquilo, pacato... Melhor não podia ser.

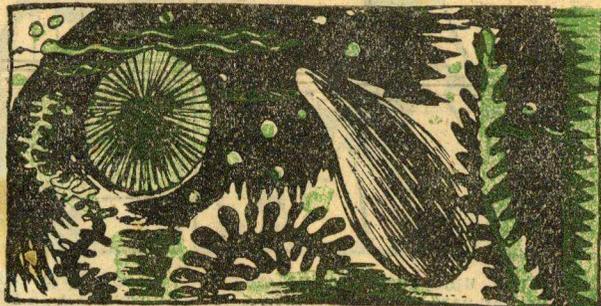
Quando o mexilhão dizia: — «Outra vida me sorril!» a lapinha respondia: — «A minha vida é aqui!»

E assim foi. Uma tardinha, fundeou, pertinho, um barco. Disse-lhe êle: «Adeus, lapinha!» e, bumba! atirou-se ao charco.

Lá como pôde, agarrou-se mesmo ao casco do navio. Depois, com tempo, instalou-se e que feliz se sentiu.

— Agora vou viajar! Isto é melhor que o rochedo, pois vou conhecer do mar, o seu tão lindo segrêdo,

as plantas do mar profundo, mais os bancos do coral!



Nasci para correr mundo vou ser feliz, afinal!—

Que enorme desilusão! O barco ao quais atracou, dando tão grande encontrão que o visionário esmagou,

emquanto a D. Lapinha, sempre no mesmo lugar,

vivia bela vidinha sem mais nada desejar.

.....
É esta a moral e eu creio não poder ser desmentida: «Quem abandona o seu meio, nem sempre vence na vida.

LAURA CHAVES

CORRESPONDÊNCIA

Maria de Alpiarça—O conto está bem escrito mas é demasiado longo. Veremos se poderá ser publicado em dois números. Porque não manda outros mais pequenos?

Fernando Reis Sousa—O teu pedido será tomado em consideração, a-pesar do pouco espaço que podemos reservar para êsse género de colaboração.

Miquinhas—Muito te agradecemos as amáveis referências ao suplemento e desde já podes ficar certa de que satisfaremos o teu desejo.

P. T. O. — Coimbra—Sentimos muito dizer-te que não pode ser publicado o teu trabalhinho. Tenta outro género.

Mariana Távira—Brevemente publicaremos, de novo, a receita do copiógrafo. Isso é que vai ser um jornal!... Manda-nos depois um exemplar.

Manuel V. C.—O teu pedido é impraticável porque uma construção dessa natureza daria para mais de 8 ou 10 números.

Felizardo Mancha—Muito em breve, terás a secção que alvitrateste. O teu desejo veio ao encontro do nosso.

Vosso amigo

TIO PAULO

Lô, minha menina...



Atendendo os pedidos que tu, minha querida Menina Portuguesa, me tens feito, através de muitas cartas e bilhetes postais, volto hoje, de novo, junto de ti, para recomoçarmos as nossas longas conversas.

Li com atenção a tua carta, Maria Fernanda, e acredita que não fiquei contente com o que me dizes.

Queixas-te das lições que a professora te passa, dizendo que são tão longas que nem te fica tempo para brincar!

Dizes que a tua mãe te ralha, porque nunca estás com juízo á mesa e que não te deixa desmanchar as bonecas, para ver como são feitas por dentro.

Ora parece impossível, Maria Fernanda! Eu nem digo aqui o teu nome todo, para não te envergonhar públicamente, porque sei que terias, com isso, um grande desgosto, como é natural.

Digo, apenas, que te chamas Maria Fernanda e que és de Evora porque em Evora deve haver muitas Marias Fernandas...

Tu, porém, sabes que é contigo que eu falo...

Se a professora te passa grandes lições, é porque quer que faças boa figura no teu exame. Deves despertar a tua inteligência e a tua consciência para reconheceres que a razão não está do teu lado.

Indo mal preparada para o exame, ficarias reprovada, passarias por uma grande vergonha e darias um enorme desgosto a teus Pais. Deves, portanto, estudar e habituares-te a ver, nas tuas professoras, umas grandes amigas que só concorrem para a tua Felicidade.

Se a tua Mãe te ralha quando te portas mal, é porque te quer muito e deseja fazer de ti uma Senhora.

O' Maria Fernanda! Então tu ainda tens idade para desejar ver como as bonecas são feitas por dentro! Valha-te Deus! Essa mania tive eu, quando era uma pequena de dois anos e meio!...

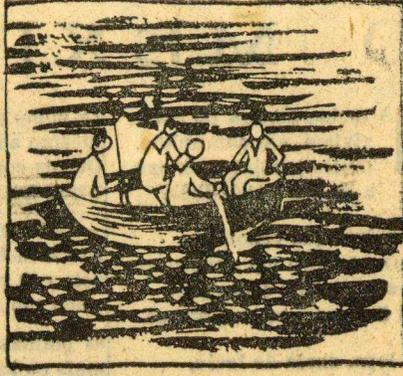
Não tornes a escrever-me cartas assim, porque me desgostas muito.

Eu quero que a minha querida Menina Portuguesa seja o exemplo, para as meninas de todo o mundo, da obediência e do Dever, em todos os aspectos.

Dizes que tens em muito aprêço a minha amizade: — se queres conservá-la, emenda-te e põe-te bem á altura dos teus 11 anos de idade. A criança que foste, já vai ficando para traz, perdida numa bruma de graça e de saúde! Surge agora a mulherzinha, com toda a sua consciência, com todas as suas responsabilidades. Aceita o doce fardo com prazer e alegria, pensa no teu dever, que muito te agradece a tua muito amiga

GRACIETTE

Março de 1940



passar por uma escotilha na entre-ponte e daí para o porão.

— «Ao menos, talvez nos deixem tranquilos, enquanto a devoram» — pensou o doutor Leneuf.

Desceu para a sua «cabine». De repente, foi despertado por este grito:

— «Tôda a gente na coberta!»

O doutor reconheceu a voz do capitão. Precipitou-se. Os passageiros apreciavam como loucos, nas «toilettes» mais extravagantes. A-pesar-da aflição, todos notaram uma senhora, sumariamente vestida, que só tinha pensado em não largar o seu «dorgnon».

— «Que há?» — perguntou o dr. Leneuf.

— «Há que nos afundamos — respondeu-lhe o imediato, a quem se tinha dirigido. — Temos um rombo no porão; o navio está já a meter água.»

— «Então! O senhor não se utiliza das bombas?»

— «Os ratos roeram os tubos e, por este motivo, já não funcionam.»

Nestas condições, apenas restava abandonar o navio, que se afundava. O capitão deu ordem de lançar as embarcações ao mar.

Mas, para cúmulo da desgraça, os turcos partiram-se durante a manobra. O cordame também estava desgastado.

Foi lançada a sorte.

Nenhuma salvação era possível. Afundavam-se suavemente, mas afundavam-se. Todos compreenderam ter chegado o seu último momento. O capitão e a equipagem tinham já procurado a sua consolação na embriaguez. Já não estavam em estado de prestar qualquer socorro aos passageiros.

Súbitamente, o barco deixou de se afundar. Isto pareceu ao doutor, primeiramente, extraordinário; reflec-

tindo, porém, lembrou-se que a carga se compunha de pranchas de pinheiro. A presença dessas pranchas permitia-lhe, evidentemente, sobrenadar.

Quando a água chegou a dois metros da flutuação, um novo equilíbrio se estabeleceu e o navio susteve-se à superfície das ondas.

Todavia, se escaparam à ameaça de sossobrar, iam ser expostos a um perigo não menos temível. O exército dos ratos, não encontrando já nada para roer no interior do navio, subiriam para a coberta e roeriam todos os passageiros, para não morrerem de fome. Não seria isto mais espantoso do que o perigo de se afogarem?

Anteriormente, era preciso disputar-lhes a alimentação de todos. Já um grande número desses animais repelentes, aparecia no castelo de pópa

(Continua na página 8)

NO REINO DOS BICHOS DESENHOS PARA COLORIR

LEMUR

Não sei se conhecem o lemur que é um animal da grande família dos macacos.

Há-os de centenas de fêlhos. O que vemos, agora, não é, ainda assim, dos mais exóticos.



Habitam na África, especialmente na ilha Madagascar, a antiga ilha de

DONINHA



Os mais pequenos carnívoros estão agrupados na grande família dos mustelídeos, a qual abrange a papalva, o arminho, a lontra, o furão, a marta, o texugo, a fuinha e outros.

A doninha é um dos animais daquela família, de valiosas peles.

Existe em grande quantidade no nosso País. Come aves de capoeira e é preta com malhas brancas.

S. Lourenço, descoberta pelos portugueses, e, hoje, colônia da França.

Ali na Austrália é onde se encontram as mais esquisitas variedades de animais.

A cauda tem riscas brancas e castanhas (1). Tem uma pequena malha vermelha (2) no lombo, cabeça amarela (4). Entre as orelhas uma mancha azulada (5).

Pousa sobre um ramo verde (3).
É ou não um bicharoco curioso?

MONAL

Um passarito exótico vem, hoje, com as suas cores suavíssimas, animar a página.

Os espaços numerados com o n.º 1 devem ser coloridos a castanho de várias tonalidades.

Com o lápis verde, preenchem as regiões marcadas com o n.º 3. Ao n.º 4, corresponde a cor amarela. O n.º 5 têm de ser desenhado a azul. Reservem o lápis roxo para o n.º 6.

E aqui têm uma ave lindíssima.



(Continua na pag. 3)

SECÇÃO de PINTURA e ARTE APLICADA

por ARLETE LOPES NAVARRO

VERNIZ ESTALADO

Estes modelos, representando (Fig. 1) um prato para parede e (Fig. 2) uma moldura, devem ser reproduzidos da seguinte forma.

Passa-se o desenho a papel quimico, se o objecto é em madeira. Cobrem-se os traços a tinta da China, ou ainda a água forte, para imitar pirogravura. Em seguida pintam-se os desenhos a óleo, diluída a tinta com verniz «Martin». Quando esta está seca, dá-se-lhe uma camada sobre todo o objecto com verniz «Martin». No dia seguinte, dá-se outra camada de verniz «Martin» sobre o objecto, excepto sobre a pintura a óleo. No dia seguinte outra camada e ainda mais outra, tendo o cuidado de dar as camadas em sentido contrário, umas das outras. Quando o verniz estiver quasi seco mas que ainda se pegue aos dedos, ao carregar, dá-se-lhe uma camada de verniz estalado. Quando começar a secar e

aparecer a rede fina do estalado, mistura-se um pouco de tinta de óleo «noir d'ivoire» com duas vezes a sua quantidade de essência de terebentina, de maneira a ficar fluida bastante e, com uma bola de algodão, molha-se neste liquido, esfregando levemente toda a superfície coberta com o

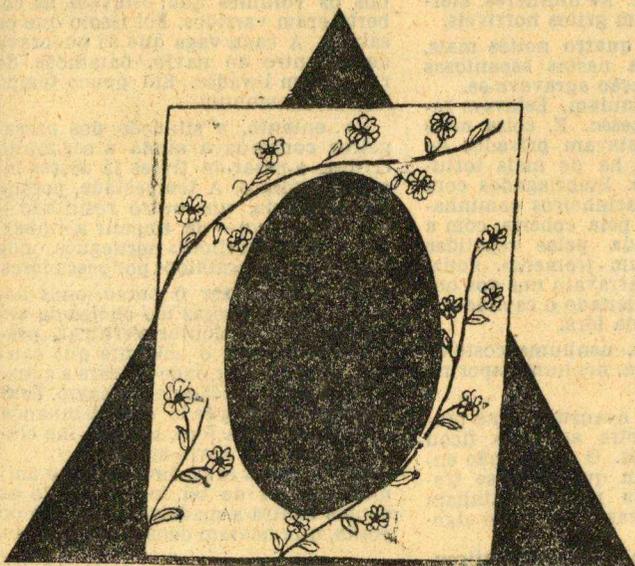


Figura 2

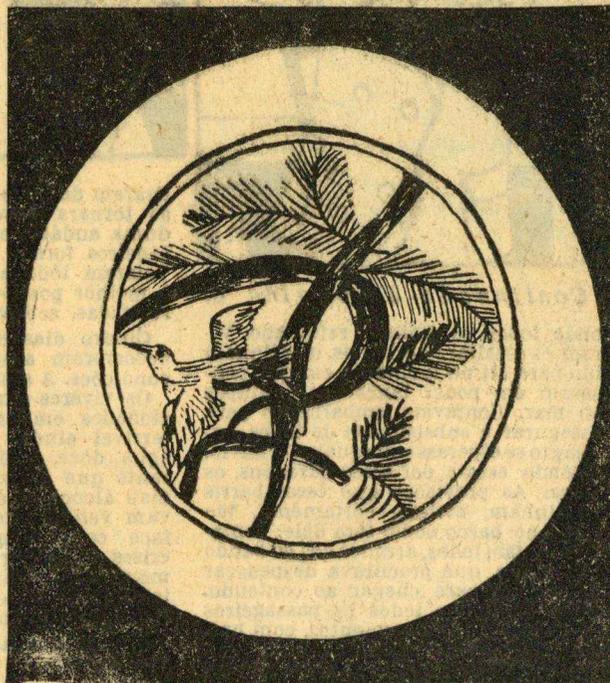


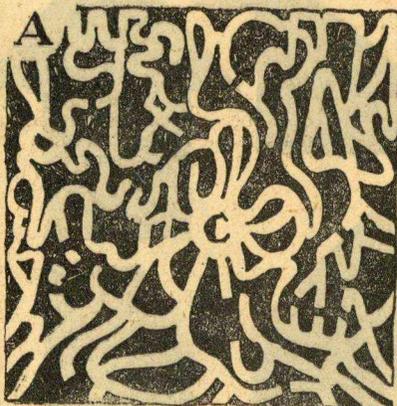
Figura 1

verniz estalado. Pouco depois, com um algodão limpo e enxuto, passa-se o trabalho todo.

Aparece, então, a superfície brilhante e limpa, destacando-se a rede do estalado, em linhas finas e escuras. Dá-se, finalmente, uma camada de verniz «Martin» para embelezar todo o trabalho e resguardá-lo, pois sem esta camada, estragar-se-ia.

HORA DE RECREIO

PASSATEMPOS

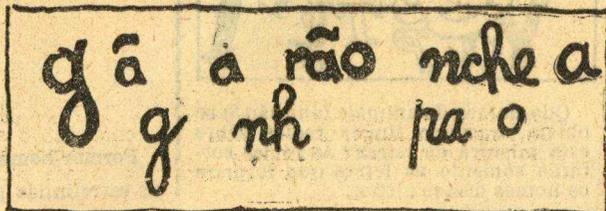


B

Vejam os leitores se descobrem um caminho que vá de A a B sem passar por C.

Quando se escrevia esta legenda que está no rectângulo, entornou-se o tinteiro e desapareceram algumas letras... Queiram os leitores reconstituir o dístico.

Adivinhar este provérbio a que se tiraram algumas letras





(Continuado da página 6)

onde todos se tinham refugiado. Viam-os assaltar dois barris, que tinham ido para ali no momento em que pensaram em poder lançar as chalupas ao mar. Contavam embarcá-los para assegurar a subsistência de todos, enquanto se esperasse que qualquernavio, fazendo escala por essas paragens, os visse. As provisões que esses barris continham, seriam, certamente, tão úteis no barco como fóra dêle. Tentaram, então, todos, arrancá-los ao bando esfaimado, que procurava despedaçar a madeira para chegar ao conteúdo. Precipitaram-se todos os passageiros sôbre esses bichos nojentos, com barras de ferro na mão. Fizeram uma verdadeira mortandade. A cobertura estava pegajosa do seu sangue imundo. Conseguiram, por fim, pô-los em fuga e apoderarem-se dos dois recipientes, de onde retiraram o conteúdo de biscitos, pois que deixá-lo nos tonéis, seria bem imprudente.

Passaram-se dois dias sem que aparecesse essa raça maldita. A lição tinha sido boa. Além disso, os palóis estavam vãos. Na terceira noite, des-



lizaram de novo e, como o seu apetite se tornara devorador, deram provas duma audácia excessiva. Alguns passageiros foram mordidos nas pernas. Velaram tôda a noite, defendendo-se o melhor possível. As mulheres, aterrorizadas, soltavam gritos horríveis.

Quatro dias e quatro noites mais, decorreram ainda nestas espantosas condições. A situação agravava-se.

Os viveres diminuíam. Estavam racionados em excesso. E, coisa mais terrível ainda, estavam privados de água doce. Nada há de mais torturante que a sede. Embriagados com mau álcool, os marinheiros caminhavam velozmente pela cobertura, com a face congestionada pelas repetidas crises do «delirium-tremens». Felizmente que se agarravam uns aos outros. Já tinham deitado o capitão e o imediato pela borda fóra.

E, para cúmulo, nenhuma costa se via, nenhuma vela, nenhum vapor no horizonte.

Todos estavam exaustos. Uma mulher que sucumbira ao sono, ficou com os pés roídos. O doutor não encontrou nada com que pudesse tratá-la. Os animais malditos tinham espalhado as caixas de gaze e o algodão hidrófilo.

A desgraçada enlouqueceu e atirou-se ao mar.



Enfim, quando todos se julgavam completamente perdidos, na manhã do oitavo dia, uma medonha tempestade se desencadeou.

O vento soprava com violência. Todos os volumes que estavam na cobertura eram varridos. Foi isso o que os salvou. A cada vaga que se quebrava de encontro ao navio, batalhões de ratos eram levados. Em pouco tempo não ficou nenhum.

No entanto, a situação dos passageiros continuava ainda a ser muito crítica, a-pesar-de livres já desses ferozes inimigos. A tempestade, porém, tivera, ainda, um outro resultado — (este benéfico) — de impelir a embarcação para um «fiord» norueguês, onde todos foram recolhidos por pescadores.

Antes de deixar o barco, onde haviam passado horas tão cheias de angústia, quis o doutor verificar, pessoalmente, qual o acidente que causara o rombo por onde entrara a água. O buraco escancarado no navio, com um orifício golpeado e a vizinhança do esqueleto da foca, indicou-lhe claramente o que havia sucedido.

Enquanto os ratos devoravam o animal, tinham de tal forma afiado os dentes contra a madeira da parede do porão, que haviam conseguido furá-lo.

Trad. de AMÉLIA FERREIRA

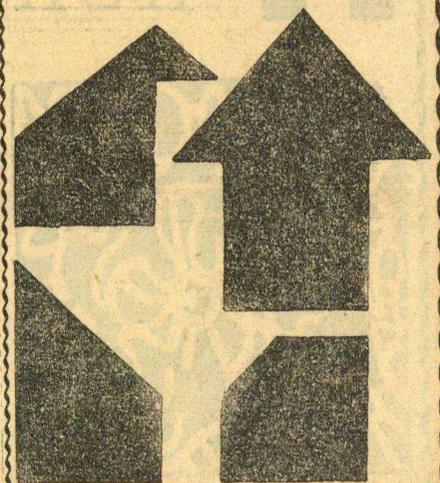
ADIVINHA A CRÓSTICO ADIVINHA



Que nomes de animais (que são 3) se obtêm, traçando linhas rectas sôbre esta mistura de letras? As rectas cortarão sômente as letras que formam os nomes desses bichos.

P * * *
 * * * * * I *
 M * * * * *
 P * * * * * * *
 * A * * * * *
 M * * * * *
 P * * * * * * * * *
 * U * *
 * * M * *

Formar nomes de aves, substituindo as estrelinhas por letras.



Formar uma cruz com êstes 4 bocados de papel.